

Inimigo mutante

18/08/2009
Correio Braziliense

Pesquisa da UnB premiada internacionalmente identifica transformações nas formas mais agressivas do HPV, vírus que é um dos principais causadores do câncer do colo de útero

Um dos principais causadores do câncer do colo de útero, o vírus do papiloma humano (HPV) desafia os cientistas que buscam o desenvolvimento de vacinas para combatê-lo por apresentar grande capacidade de se regenerar. Prova disso é a pesquisa conduzida na Universidade de Brasília (UnB) pela bióloga Tainá Raiol Alencar, que conseguiu identificar 13 mutações das formas mais agressivas do micro-organismo. O estudo, que também identificou qual a variante do vírus que mais circula no Distrito Federal, foi publicado no exterior e premiado na Conferência Internacional sobre o HPV, em Malmö, na Suécia.

A descoberta é fruto do doutorado de Tainá, que partiu de uma linha de pesquisa iniciada pela professora da UnB Cláudia Renata Fernandes Martins. A bióloga molecular, falecida em 2007, havia coletado o material genético de 300 mulheres do Distrito Federal e do Entorno, divididas em dois grupos. O primeiro era constituído por pacientes com lesão cervical e portadoras do papiloma humano. O segundo, por contaminadas com o HPV e que também portavam o vírus da Aids (HIV).

De todos os tipos encontrados nas amostras, Tainá resolveu trabalhar com cinco bastante similares ao HPV 16, o mais associado ao câncer de colo de útero (ou cervical). Ela escolheu o material genético das variantes 21, 33, 35, 52 e 58, todas consideradas de alto risco, ou seja, que podem levar ao desenvolvimento do carcinoma. A literatura médica já descreveu 100 tipos de HPV em humanos, sendo que 50 se manifestam de forma cutânea e a outra metade na mucosa respiratória ou genital. Desse último grupo, há aqueles de baixo e alto risco, sendo que 13 estão associados ao câncer. Segundo Tainá, o tipo 16 é o mais frequente em todo o mundo.

Os cientistas ainda não sabem precisar o motivo pelo qual algumas formas de HPV são mais incidentes em determinados locais do que em outros. No Distrito Federal, a pesquisa da UnB identificou uma prevalência alta do 58. Essas variantes são pouco estudadas e é importante saber o que circula aqui em Brasília, defende Tainá.

Proteção

Depois de isolar o DNA do papiloma humano, a bióloga estudou três regiões do genoma para identificar possíveis alterações. Além de encontrar mutações, ela descobriu que, em uma mesma variante, podem ser encontrados diferentes graus de risco. Ou seja, um tipo de HPV 58 pode ser mais perigoso que outro tipo da mesma variante, dependendo das mudanças genéticas existentes.

A constatação explícita ainda mais a dificuldade de desenvolvimento de vacinas, embora Tainá afirme que seja possível um mesmo agente de imunização proteger diferentes variantes. É o que ocorre, por exemplo, com as vacinas disponíveis no mercado brasileiro. Uma delas imuniza contra os HPV 16, 18, 6 e 11, sendo que esses dois últimos são causadores apenas de verrugas genitais e não estão associados ao câncer. A outra protege contra o 16 e o 18. Para todos os outros tipos não existem vacinas, informa a bióloga.

Segundo ela, trabalhos de identificação de mutações são importantes para conduzir estudos de proteção e tratamento da doença. Porém, a pesquisadora lembra que a melhor forma de combater o câncer cervical é a prevenção. Estudos mostram que em países onde o sistema de saúde funciona de forma eficiente, com o exame de Papanicolau, consegue-se reduzir em até 70% o desenvolvimento do câncer, diz. A infecção com o HPV não vai necessariamente levar à doença, pois há outros fatores associados, como número de partos, presença de outros patógenos e deficiências nutricionais. Segundo o Instituto Nacional de Câncer (Inca), das mulheres infectadas, apenas entre 3% e 10% terão o tumor maligno. Mesmo assim, Tainá insiste: A prevenção é essencial. É importante o médico ficar atento e fazer um monitoramento frequente para saber se o vírus é de alto ou de baixo risco.